

## INÊS DE CASTRO NO BRASIL: “ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU” – UM EXERCÍCIO HISTÓRICO-IMAGINATIVO

INES DE CASTRO IN BRAZIL: “ON EARTH AS IT IS IN HEAVEN” – AN  
IMAGINATIVE-HISTORIC EXERCISE

*Carlos Roberto Figueiredo Nogueira\**

### RESUMO

*Inês de Castro está presente em uma exígua e singular quantidade de textos produzidos no Brasil, pelo menos até a realização do Seminário “Inês de Castro: a época e a memória”, em 2005, na Universidade de São Paulo, um marco na produção acadêmica de cunho historiográfico sobre a personagem e sua época. Até então, a produção escrita relativa a Inês de Castro esteve circunscrita a uns poucos ensaios literários sobre a presença da mulher na literatura renascentista; a uma peça teatral, de autoria de autoria de Gondim da Fonseca, anunciada como projeto de recuperação da “verdade histórica e realidade psíquica” dos amores de Inês e Pedro; e a um livro que tem como singularidade a inclusão do Espírito de Inês de Castro no rol dos autores e que apresenta um conjunto de cartas supostamente ditadas pela personagem, ao longo do ano de 1977, por intermédio do espírita brasileiro Chico Xavier. O presente artigo tem por propósito debater as propostas de abordagem apresentadas em textos de naturezas distintas, tendo como referências os parâmetros ideológicos e as conjunturas particulares nas quais eles foram produzidos.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Inês de Castro. Escrita historiográfica. Pedro I de Portugal.*

### ABSTRACT

*Ines de Castro was mentioned in a scarce and singular number of papers in Brazil, at least until the seminar “Ines de Castro: time and memory”, held in 2015, at the University of Sao Paulo. The event left a mark in the historiography academic work about the character and the time in which she lived. Until then, papers about Ines de Castro were limited to a few literary essays regarding the presence of women in renaissance literature; a theater play, written by Gondim da Fonseca and advertised as a recovery project of the “historical truth and psychic reality” of Ines and Pedro’s love; and a singular book in which Ines de Castro’s Spirit was included to the list of authors, as the book showcases a group of post-death letters allegedly written by Ines de Castro through Chico Xavier, a Brazilian medium. The current article aims to discuss the approach proposed on papers of the most diverse natures. The discussion will follow based on the ideological parameters and the specific settings in which these papers were made.*

**KEYWORDS:** *Ines de Castro. Historiographical writing. Pedro I of Portugal.*

---

\* Professor Titular da Universidade de São Paulo (USP). Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado pela Universidade de Córdoba, Espanha. E-mail: crfn@hotmail.com.

A presença de Inês de Castro no Brasil é quase uma ausência. Afora as Atas do Seminário “Inês de Castro. A época e a memória” (MEGIANE; SAMPAIO, 2008), realizado em 2005 na Universidade de São Paulo, que constitui um marco histórico na produção brasileira e do qual falaremos mais adiante, o restante é constituído de uma exígua e singular quantidade de obras.

Em poucos ensaios literários, Inês é comentada de passagem, remontando à narração de Camões, como na Dissertação de Mestrado *A mulher na literatura portuguesa: sua imagem e seus questionamentos através do gênero epistolar* (FERREIRA, 2002), à qual retornaremos. Mas, sempre, Inês de Castro é apenas uma imagem literária das muitas mulheres que aparecem na literatura portuguesa das Cantigas de Amigo até a época contemporânea.

Muito mais singular e “exótica” é a peça teatral de Gondin da Fonseca, *Inês de Castro (1310?-1355): a verdade histórica e a realidade psíquica, após seis séculos de fantasia e nevoeiro*. Enquanto peça teatral, aliás bastante desconhecida (pelos motivos que veremos a seguir), seria até aceitável, mas a longa introdução, na qual o autor jornalista e “historiador” se propõe a desvelar o segredo dos amores de Pedro e Inês, apresenta-se como uma *bricolage* assustadora!

A obra é trágico-bombástica ou mesmo frenética em sua busca da verdade: “seis séculos de fantasia e nevoeiro obscurecem, entretanto a verdade histórica”, reza a Introdução (FONSECA, [1957], p. 7). E a verdade é assustadora. Necrófilo e sádico (sic!), Pedro manifestava uma sexualidade anormal. Inês simbolizava a mãe: “Depois de morta ela era sozinha a Mãe” (FONSECA, [1957], p. 28). A explicação antecede a sentença: “Porque de modo positivo, flagrante, provocara a morte de Inês, - confundida em seu inconsciente com a *imago* materna. A ânsia de matricídio é por demais evidente em D. Pedro para necessitar demonstração! Nunca perdoará à mãe o crime de o haver traído com o pai” (FONSECA, [1957], p. 18-19).

Invocando Freud em seu auxílio, o autor conclui que Pedro I sofria de “sentimento inconsciente de culpa”. Essas e outras utilizações absolutamente abusivas da psicanálise levam-no a concluir que o mito de Édipo se encarna no monarca de Portugal com pompa e circunstância: Pedro é Édipo, Afonso IV é Laio e Brites e Inês (duas em uma só!) é Jocasta, Rainha do Rei – mulher dele! (FONSECA, [1957], p. 29-30).

Produto de uma reflexão acadêmica mais recente, encontramos um trabalho um tanto *naif* e historicamente nada aceitável: *A Mulher na Literatura Portuguesa: sua imagem e seus questionamentos através do gênero epistolar*, dissertação de Mestrado defendida em 2002 na Universidade de São Paulo por Carlos Aparecido Ferreira (FERREIRA, 2002). O trabalho tem como objetivo apontar a transformação da imagem da mulher histórico-literária através dos tempos, tal como tem sido representada na literatura, desde suas origens Bíblicas (sic!), até o final do século XXI!

Para o autor, através da poesia e do gênero epistolar, verifica-se uma linha horizontal a percorrer todos os períodos literários: a linha registra a permanência da imagem da mulher-mãe e mulher-esposa, consagradas pelo sistema familiar patriarcal. Entretanto, de acordo com o autor, verifica-se que, aqui e ali, surgem cortes verticais nessa linha horizontal, os quais correspondem a questionamentos femininos

que buscam romper a linha da tradição. Um desses “cortes” é precisamente a figura de Inês de Castro, apresentada como “A Imagem feminina na Literatura Portuguesa da Era Renascentista” (FERREIRA, 2002, p. 40).

Nos versos de Camões, publicados em 1572, argumenta Ferreira, é louvada a imagem da mulher donzela, casta, frágil, paciente, serena, mansa ovelha, mísera mãe, além de outros adjetivos que caracterizam o ideal de mulher na visão do homem renascentista – do qual Luís de Camões é o grande expoente (FERREIRA, 2002, p. 41). Para Ferreira, a Inês de Camões, como expressão da dualidade feminina, encontra correspondência na História e em outras fontes:

Inês é para o autor a expressão da dualidade feminina. Retratada como a imagem de mãe e esposa fiel, vemos que também na História, Inês de Castro, em meados do século XIV, apresenta as características da dualidade feminina, tal como aparece na Bíblia e nas Cantigas Medievais. Isto porque antes de ser esposa e mãe (encarnando a figura angelical de Maria) fora a amante (encarnando a figura sedutora de Eva). Ao analisarmos Inês de Castro pelos relatos históricos (*sic!*), o que se vê em sua imagem é a figura da mulher Eva, perversa e sedutora; uma vez que Inês tornou -se a amante que se mantém em relação adúltera com o príncipe; provocando escândalo na corte e simbolizando o perigo para a família e até para a paz no reino português. Por esta razão é condenada “pelo povo”. Ao ser degolada pelas “espadas da justiça” limpa-se a imagem da mulher (FERREIRA, 2002, p. 46).

Ferreira conclui o breve capítulo convencido de que a mulher Inês de Castro, analisada através da literatura, mostra em destaque a imagem da mulher ideal que a sociedade deve preservar e enaltecer. “Pelos versos camonianos têm -se a figura feminina que dedica sua própria vida para defender os filhos e permanecer leal ao seu amado” (FERREIRA, 2002, p. 46).

E, em uma perspectiva feminista e ufanista, absolutamente anacrônica, ou mesmo teleológica, ignorando a realidade medieval, levanta o estandarte da causa feminina:

Inês de Castro passou à história como uma mulher corajosa e ousada que transgrediu as regras sociais de sua época e enfrentou barreiras territoriais, políticas e morais para viver uma relação de verdadeiro amor ao Príncipe Dom Pedro. Em Inês vemos, portanto, a imagem dualística da mulher, tornando-se, além de amante, uma esposa dedicada e exemplo de mãe protetora dos filhos. Ao trazer Inês de Castro da história para a literatura, Luís de Camões realçou a imagem da esposa e mãe, conferindo a ela uma homenagem que poderia ser estendida a todas as mulheres portuguesas. Se o épico *Lusíadas* é a narração das batalhas e conquistas do homem português, dentro dele encontra -se uma personagem feminina que é a síntese da força da mulher portuguesa que gerou e lutou – entregando a própria vida, se fosse preciso – para que os filhos se tornassem os homens que foram. O diálogo entre Inês e o Rei D. Afonso, que Camões immortaliza em *Os Lusíadas*, reforça a imagem desta mulher leal e corajosa, que não desistiu de seu amor, e que, por sua fidelidade, foi coroada pelo esposo depois de morta. (FERREIRA, 2002, p. 47).

De modo mais criterioso, partindo de um ponto de vista histórico, temos o livro *Inês de Castro: a época e a memória*, que reúne o conjunto de textos apresentados no seminário de mesmo nome, realizado no Brasil durante as comemorações portuguesas dos 650 anos da morte de Inês de Castro. O livro apresenta textos que gravitam em torno de Inês e de sua época (MEGIANE; SAMPAIO, 2008). Encontra-se dividido em duas partes: a primeira não trata (como não podia deixar de ser) de Inês, mas

da época de Inês. Esta primeira parte conta com textos que tratam de temas paralelos, sobre a lenda de Santo Amaro, sobre a Ordem de Cristo e a monarquia portuguesa e de outros que se aproximam mais de Inês, como a política de casamentos entre as dinastias de Portugal e Castela, com ênfase na questão dos Castro. Além disso, comporta dois trabalhos que contemplam as mulheres do século XIV: o de Sooraya Medeiros, “A mulher nobre portuguesa e o poder senhorial no século XIV”, e permitam-me citar o meu trabalho, “As mulheres entre a monarquia e o poder aristocrático no Portugal do século XIV”.

A segunda parte é específica para a relação Pedro e Inês, para a memória dessa relação, examinada, seja de um ponto de vista histórico – em textos que tratam da vinculação entre a lenda da coroação de Inês de Castro e o mito sebastianista do rei desaparecido – seja aqueles relativos à “saúde” de Pedro e Inês na historiografia seiscentista. Essa segunda parte contempla, ainda, análises de obras que versam sobre o episódio da coroação e uma análise da iconografia inesiana, apresentada pelo colega português Jorge Sampaio.

Assim sendo, partimos de uma ausência anunciada, para colocarmos, ainda que de maneira muito modesta, Pedro e Inês de Castro no rol de estudos acadêmicos. No entanto, ao fazermos a nossa pesquisa bibliográfica sobre a presença de Inês de Castro no Brasil, fomos surpreendidos, literalmente surpreendidos, por uma obra que mesmo antes de termos contato com ela, já a sabíamos singular.

A singularidade ultrapassou (e muito!) as nossas expectativas! Estávamos frente ao exótico, ao inusitado e ao extremamente intrigante. O livro *Mensagens de Inês de Castro: uma visão histórica e espiritual* foi escrito a seis mãos: contempla cartas ditadas por Inês de Castro, psicografada pelo médium Chico Xavier e publicada (com as devidas censuras, por motivos que posteriormente entenderemos) com comentários de Caio Ramacciotti (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTTI, s.d.). A ficha catalográfica não deixa dúvidas sobre o tema, ao citar como um dos autores do livro o “Espírito de Inês de Castro”!

Por intermédio do Espírito de Inês de Castro, sabemos que, após a sua morte, Inês repousava no plano espiritual diretamente socorrida por Isabel de Aragão, a Rainha Santa (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTTI, s.d.. p. 53-54). E, através deste socorro, concorda em “retirar-se da presença de D. Pedro para que ele seguisse em seus novos empreendimentos, saindo da paisagem portuguesa, orando e soluçando” (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTTI, s.d.. p. 63), mas somente após a paz entre Pedro e o pai, induzida e sob a proteção e a inspiração, mais uma vez, da grande Isabel.

O espírito de Inês comete um erro histórico, chamando D. Constança Manoel de rainha, por ocasião de seu casamento com D. Pedro, pois sabemos que esta jamais obteve o título. Talvez uma compensação do Além, por ter amargado o amor de Pedro e Inês...

Na obra, o mistério de morte de Inês é, enfim, esclarecido: não foi por “resgate reencarnatório, mas sim pela sua vocação missionária” (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTTI, s.d.. p. 124).

Inês é porta-voz de vários personagens do Além. Além de sua mentora, Santa Isabel, ela descreve o destino ou *carma* dos atores de seu drama. Por ela, sabemos que Afonso IV, o mesmo, desencarnado, “não descansou e abraçou comigo, na Vida Espiritual, a obra de assistência e socorro aos filhos da raça

lusitana” (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTI, s.d.. p. 192). Mas Afonso é um fracassado espiritual, tem um espírito mau, pois volta a Portugal no início da modernidade para explorar os africanos indefesos e sua história, e, até os dias atuais, mostra um acúmulo de fracassos espirituais. Essa seria a compensação no Além para a morte de Inês?

Mas a história não para aí. Inês e Pedro, de novo encarnados, voltam à Espanha, ela como Juana, a Louca, ele como Filipe de Habsburgo. O Casal ressurgem na França do século XIX à época de Allan Kardec, o que facilita o desenvolvimento, aqui na terra, de suas atividades mediúnicas. Ela como Caroline Bauduin, colaboradora direta de Kardec na elaboração do Livro dos Espíritos e que se casa, em outubro de 1857, com um oficial do exército e com ele vai viver no Arquipélago de Reunião.

Mas a verdadeira questão gira em torno de Isabel de Aragão. que preparou com seus ensinamentos e exemplos a Pedro e consolou e guiou Inês no plano transcendental. Inês é uma missionária. Liderada no Além por Isabel de Aragão, o objetivo de sua vida (ou pós-vida) é tornar Pedro um paladino da Justiça. Em especial da justiça social, que regula e equilibra as classes sociais (sic!), fazendo-o prometer: “ainda que eu morra serei justo. Se um dia for rei, os fidalgos não usurparão os infelizes, colocarei a justiça no reino” (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTI, s.d.. p. 155-156).

Esta é a origem da justiça de Pedro I. Se voltarmos às mensagens de Inês, seu espírito lembra de suas conversas com Pedro, nas quais ele lembrava o que dizia sua avó “muitas vezes dizia que esperava de mim, quando crescesse, uma diretriz humana que não prejudicasse os plebeus em favor dos fidalgos” (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTI, s.d.. p. 153).

Aconselhada por Santo Agostinho e Santo Antônio, Isabel transmitia ao neto o que esses santos pediam: “que pusesse no meu coração as idéias de justiça igual para todos, mas recomendava que eu não falasse disso a ninguém, para que os fidalgos não a considerassem louca” (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTI, s.d.. p. 153).

E, notável precursora do mundo contemporâneo, Isabel pede a D, Dinis a Reforma Agrária(!), suplicando ao mesmo “que não olvidasse os humildes e pequeninos, que repartisse terras lembrando que não somente os nobres careciam delas” (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTI, s.d.. p. 154).

É tentador associar esse súbito aparecimento de Inês, clamando por justiça de uma forma bastante contemporânea, com os estertores da ditadura militar e o fim de uma era de expansão econômica. O trabalho de Langoni (1973), realizado com o apoio do então ministro da Fazenda, professor Antonio Delfim Netto, foi fundamental para estabelecer um consenso sobre o aumento da desigualdade entre os anos 60 e 70 (HOFFMANN, 2001, p. 70). Os cientistas sociais Paes e Barros, Henriques e Mendonça, em texto publicado em 2000, ressaltam a herança de pobreza e desigualdade que ainda perduravam no Brasil:

O Brasil, nas últimas décadas, vem confirmando, infelizmente, uma tendência de enorme desigualdade na distribuição de renda e elevados níveis de pobreza. Um país desigual, exposto ao desafio histórico de enfrentar uma herança de injustiça social que exclui parte significativa de sua população do acesso a condições mínimas de dignidade e cidadania. [...] Os valores contundentes reportados nesta seção não

deixam dúvidas quanto à posição singular do Brasil, com o seu grau de desigualdade figurando entre os mais elevados do mundo (PAES E BARROS; HENRIQUES; MENDONÇA, 2000, p. 134).

Essa desigualdade, segundo os autores, possui uma cruel regularidade: “Todos indicadores selecionados revelam um elevado grau de desigualdade, sem qualquer tendência ao declínio. O grau de desigualdade observado em 1998 é bastante similar ao do início da série, no final da década de 70” (PAES E BARROS, HENRIQUES; MENDONÇA, 2000, p. 134).

A situação um tanto calamitosa em que vivíamos, no final da década de 1970 e início da década de 1980, não poderia fazer despertar, através do médium, o auxílio e o conforto de Inês de Castro? Não seria o caso de receber as mensagens da mentora (e protetora) do justiceiro, do protetor da arraia-miúda?

Mas a quem seriam dirigidas as cartas de Inês? Quem seria a atual reencarnação de Pedro? Apesar da preocupação do editor de retirar passagens das cartas que nos permitissem a identificação do destinatário, pistas ainda permanecem e podemos nos aventurar a tentar decodificá-las.

Em sua primeira carta, enviada em março de 1977, Inês diz ao Pedro reencarnado que “Graças a Deus, a Providência Divina vos instalou num lar generoso e santo e entregou-vos à guarda de nobre dama...” (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTI, s.d.. p. 35). Em seguida, esclarece que, por solicitação da veneranda Isabel de Aragão, Pedro e seu pai, Afonso IV, regressaram ao “Plano Físico para a elevada missão de realizar a imunização espiritual possível dos povos de linguagem lusitana, contra a violência e a crueldade, numa bandeira mesmo limitada de obreiros do bem que se consagrasse à sementeira ou ao replantio das idéias e dos princípios do Senhor Jesus” (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTI, s.d.. p. 36, grifo nosso). Não sabemos exatamente o que é imunização espiritual, mas ela já vem relativizada com a limitação da palavra possível, o que é bastante singular.

Afonso IV, reencarnado e convenientemente pai do também reencarnado Pedro I (singular arranjo metempsicótico!), é um respeitado campeão das ideias renovadoras “pela força de trabalho e pela lealdade ao dever, responsabilizando-se por imensas áreas de serviço espiritual.” (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTI, s.d.. p. 37-38, grifo nosso).

Inês se regozija de encontrar seu amado ao lado do pai “porque estáveis amparado contra as intempéries de ordem espiritual deste século de renovação” (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTI, s.d.. p. 39). Mas também se preocupa porque “tantas lutas assomaram no império de trabalho ao vosso nobre pai que não hesito em pedir-vos constância no amor e na cooperação para com ele” (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTI, s.d.. p. 40).

Segue a revelação: Inês esclarece a Pedro I que não só estão de volta e juntos, pai e filho, mas grande parte da corte itinerante de D. Afonso IV “em reencarnações de trabalho e de elevação” (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTI, s.d.. p. 40). E volta a pedir que ele ajuda o pai:

Vosso nobre pai, o mesmo Dom Afonso IV do século XIV [para que não parem dúvidas!], conquanto de consciência enobrecida e limpa, sofre o impacto de tremendas batalhas íntimas e, mais do que nunca, tem necessidade do vosso discernimento e do vosso amor.

Perdoai, amado rei e senhor meu [...] e, embora nunca me anime a rogar que vos acovardeis diante do mal, auxiliai Dom Afonso a vencer no comando do império de idéias salvadoras e novas [...] que ele abraçou, em auxílio aos filhos da antiga Lusitânia. Não posso pedir humildade a vós [...], mas peço-vos permanecer no posto em que o Senhor Jesus por vosso merecimento, vos colocou. (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTI, s.d.. p. 40-41, grifo nosso).

E arremata: “Compreendo a altura de vossa posição e as responsabilidades que carregamos em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Augusta Causa” (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTI, s.d.. p. 235). Por fim, uma última pista:

Não tenho o direito de coartar-vos (sic!) o acesso aos postos do destaque humano, em que sempre soubestes brilhar com louvor e honra, mas se puderdes e quanto puderdes. Ficai nas áreas de governo de Jesus Cristo em que, muitas vezes, comandar significa suportar longas dores em auxílio do próximo (XAVIER; CASTRO, RAMACCIOTI, s.d.. p. 41).

O texto da carta não deixa a menor dúvida: o destinatário é militar, filho de militar e destinado a galgar altos postos de comando, senão o maior. A imunização espiritual referida seria contra o comunismo e os movimentos de esquerda? Não esqueçamos que a última encarnação de Pedro, no século XIX, era um militar francês, casado com a reencarnação de Inês.

Não temos todas as respostas, mas é impossível resistir à tentação de imaginar que as mensagens de Chico Xavier, defensor ardoroso do regime militar e que concebia a ordem social e espiritual como ordem e disciplina, estivessem se referindo ao futuro presidente militar, João Batista de Oliveira Figueiredo, como a última reencarnação de Pedro I. O pai de João Batista, o General Euclides de Figueiredo, um dos *joventes turcos* de 1913 que pregavam a modernização do Exército, foi um dos comandantes da Revolução Constitucionalista de 1932, com uma intensa carreira militar e política que bem o habilitariam a ser a proposta reencarnação de Afonso IV.

Sobre Francisco Xavier, argumenta Lewgoy (2001, p. 77):

Chico não encarna um ideal de cidadão crítico da realidade circundante, mas sim o de um membro disciplinado de uma comunidade orgânica e hierarquizada, concepção espírita com importantes afinidades com o ethos militar da disciplina e com sua concepção de “evolução pelo mérito”, tornando-se compreensível a forte atração que esta alternativa religiosa sempre exerceu neste grupo social.

Atração à qual o General Figueiredo não era imune, temos certeza. Em Chico Xavier, “não se trata apenas de uma cosmologia em que a hierarquia conjuga-se com o mérito, mas é preciso salientar que a atração ‘militar’ articula a idéia de ‘carma’ com um senso de ordem e justiça ao qual nenhuma ação humana é insignificante” (LEWGOY, 2001, p. 77). Destaca, ainda, Bernardo Lewgoy:

A esse respeito, é bastante instrutivo um depoimento de Chico Xavier, relatado por Barbosa: “Temos no Espiritismo o cumprimento da promessa do Cristo: ‘Conhecereis a Verdade e a Verdade vos fará livres’, ao que o nosso abnegado Emmanuel acrescenta: ‘e a Verdade vos fará livres para sermos servos felizes de nossas obrigações e para sermos mais responsáveis perante Deus’”.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Citação de BARBOSA, E. *No mundo de Chico Xavier*. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 1992. p. 142.

Essa visão cívica, orgânica e corporativa de cidadania e de pessoa afina-se com certas tendências ideológicas dos segmentos militares ao modernismo racionalizante<sup>2</sup>, que pregava a tutela da sociedade pelo Estado (LEWGOY, 2001, p. 80).

Chico Xavier era, então, militarista e João Batista era pelo menos simpatizante do espiritismo, recorrendo até a operações mediúnicas, o que coloca mais uma pitada de tempero às nossas elucubrações...

Mas isso são meros exercícios de imaginação de um autor sabidamente muito imaginoso....

## REFERÊNCIAS

HOFFMANN, R. Distribuição de renda e crescimento econômico. *Estudo Avançados*. v. 15, n. 41, p. 67-76, 2001.

FERREIRA, C. A. *A Mulher na Literatura Portuguesa: sua imagem e seus questionamentos através do gênero epistolar*. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-05052002-131458/pt-br.php>.

FONSECA, G. da. *Inês de Castro (1310?-1355): a verdade histórica e a realidade psíquica, após seis séculos de fantasia e nevoeiro*. Rio de Janeiro: Livraria São José, [1957].

LEWGOY, B. Chico Xavier e a cultura brasileira. *Revista de Antropologia*, v. 44, n. 1, p. 53-116, 2001.

MEGIANI, A. P. T.; SAMPAIO, J. P. (eds.). *Inês de Castro. A época e memória*. São Paulo: Alameda, 2008.

PAES E BARROS, R.; HENRIQUES, R.; MENDONÇA, R. Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 42, p. 123-142, 2000.

XAVIER, F. C.; CASTRO, E. de I. de; RAMACCIOTTI, C. *Mensagens de Inês de Castro*. 13<sup>a</sup>.ed. São Bernardo do Campo: Grupo Espírita Emmanuel, s.d.

Data de submissão: 15/05/2020

Data de aprovação: 22/05/2020

---

<sup>2</sup> Para o conceito de modernismo racionalizante, Lewgoy indica consulta a CARVALHO, J. M. *Pontos e bordados, escritos de história e política*. Belo Horizonte, Ed. da UFMG. 1998 e CASTRO, C. *Os militares e a república: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1995.